

# Mulheres, poder e palavra

---

**Nazaré Torrão**

Université de Genève

Cátedra Lídia Jorge

• nazare.torrao@unige.ch

**DOI** <https://doi.org/10.34913/journals/lingualugar.2021.e708>

'Mãe', diz ele, 'volta para os teus aposentos, e toma o teu próprio trabalho, o tear e a roca ... o discurso será assunto de homens, de todos os homens, e de mim acima de tudo; pois meu é o poder nesta casa'.  
*Odisseia*, Homero (fala de Telémaco a Penélope)

Minhas irmãs: Mas o que pode a literatura?  
 Ou antes: o que podem as palavras? (1/6/71)  
 Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa

Género: uma categoria útil de análise histórica.  
 Joan W. Scott

Mary Beard no seu livro *Women and Power: A manifesto* (2017), fala-nos das dificuldades de acesso das mulheres ao poder e da relação intrínseca do poder com o acesso à palavra, melhor dizendo, no caso das mulheres, com a interdição da palavra. A autora percorre a cultura ocidental dando exemplos que o comprovam, da antiguidade clássica até aos nossos dias, em situações que vão do âmbito da privacidade ao domínio público, de narrativas literárias canónicas que influenciaram o pensamento ocidental como *Odisseia* ou *Metamorfoses* a discursos recentes dos jornais, televisões e redes sociais. De todos os exemplos só se pode retirar a conclusão que não se trata de casos individuais, mas de um sistema cultural que se reproduz ainda hoje, apesar das leis de igualdade entre os géneros entretanto aprovadas, tendo de se concluir como Joan Scott que o género é uma categoria útil de análise histórica (1986).

A pergunta das autoras de *Novas Cartas Portuguesas* (1972), em epígrafe, constitui, pois, uma chamada de atenção para o poder das palavras e da literatura. Como é conhecido, a decisão de escrever esse livro partiu da reação à publicação de *Minha Senhora de Mim* (1971) de Maria Teresa Horta, em que o prazer sexual de uma mulher era tratado sem peias. O livro foi apreendido pela polícia política, a autora perseguida e atacada fisicamente. Se as palavras de uma mulher podiam desencadear tamanha reação, como seria com as palavras de três mulheres unidas? A opção pelo discurso público da mulher, sem tabus de espécie alguma, num país em ditadura, teve como consequência a acusação e julgamento das autoras, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, designadas a partir de então como as “três Marias”, por ousarem

expor sem reservas a situação de repressão e desigualdade de que as mulheres são vítimas de forma sistémica e estrutural desde os tempos mais remotos:

Inevitavelmente, passámos de amor à história e à política, e aos mitos que calçam circunstâncias históricas e políticas, [...] Mas a esta leitura [das relações de produção] é necessário acrescentar todos os sistemas de cristalização culturais em que a mulher é imbecil jurídica, irresponsável social, homem castrado, a carne, a pecadora, Eva da serpente, corpo sem alma, virgem-mãe, bruxa, mãe abnegada, vampiro do homem, fada do lar, ser humano estúpido e muito envergonhado pelo sexo, cabra e anjo, etc., etc. (Barreno, Horta, Costa, 1998, pp. 89-90).

A pergunta em epígrafe teve a sua resposta no movimento internacional de apoio que a acusação das três gerou, tendo sido considerado pela National Organization for Women (NOW) a primeira causa internacional feminista, e nas repercussões da obra em Portugal depois da revolução de 1974.<sup>1</sup> Por outro lado, a atualidade da questão é comprovada pelo facto de o livro continuar a incomodar, pois só recentemente suscita de novo o interesse público em Portugal e é uma obra mais falada do que lida e estudada.

---

<sup>1</sup><http://www.novascartasnovas.com/>

Desde o momento da publicação de *Novas Cartas Portuguesas*, as discussões internacionais sobre o feminismo passaram por diversas fases e teorias. Uma vez dada satisfação legal, na maior parte dos países ocidentais, às reivindicações iniciais e clássicas de cidadania, como o direito ao voto e o reconhecimento legal de igualdade perante a lei sem depender de tutelas masculinas, das reivindicações económicas e profissionais como o direito de exercer todas as profissões e de igualdade salarial, e do direito sobre o próprio corpo com o direito à contraceção e ao aborto, a uma grande parte da população pareceu que tudo estava garantido e não havia mais lutas a empreender. As feministas continuaram, todavia, a questionar o sistema, apontando o facto de este ser baseado no androcentrismo, associando o modo de funcionamento das sociedades capitalistas à visão paternalista do estado e à hierarquia de género na sociedade, promovida por esse mesmo ponto de vista masculino predominante. Essa organização traduz-se na divisão de trabalhos segundo os géneros e a sua remuneração (remunerado e produtivo e masculino ou não remunerado e doméstico e feminino) e tem como contrapartida o reconhecimento social das características atribuídas à masculinidade e a desvalorização das que são atribuídas ao feminino.

A organização económica da sociedade provoca assim como contraponto os valores culturais prevaletentes em que o poder e o discurso público (e muitas vezes privado) continua a ser uma prerrogativa masculina, ainda que a lei preveja a igualdade. As alterações conseguidas não se tornaram ainda sistémicas, dado a paridade na representatividade das mulheres na esfera do poder político e económico constituir ainda um objetivo a atingir. A relação entre identidade de género e injustiça social ganhou uma importância maior nas discussões, e a questão alargou-se a outros grupos tradicionalmente excluídos da esfera do poder, em relação com a orientação sexual, a classe social ou a raça. A partir daí tem-se desenvolvido no chamado terceiro mundo, em particular na América Latina, uma corrente que recusa o feminismo tradicional nascido entre as mulheres brancas, afirmando que a sua luta não pode ser a mesma, associando o colonialismo à equação da desigualdade de género. A partir de 2017, o movimento #MeToo, nascido nos Estados Unidos e propagado a outros continentes, as marchas na América Latina contra as violações e os feminicídios, o luto nacional em Portugal para lutar contra a violência doméstica em 2019 ou a greve nacional das mulheres na Suíça no mesmo ano são sinais de que os movimentos feministas continuam ativos e, infelizmente, com lutas e objetivos muito básicos e que já se poderia considerar terem sido alcançados.

A organização deste dossiê e dos dois ciclos de conferências que lhe deram origem na Université de Genève, no ano letivo de 2019-2020, partem da premissa que, apesar dos avanços conseguidos para a igualdade entre homens e mulheres, a situação se mantém, na prática, muito desigual, pelo que nunca é demais chamar a atenção para o facto ou dar visibilidade à ação das mulheres que, apesar das dificuldades encontradas, conseguiram fazer ouvir a sua voz e impor a sua vontade. O primeiro ciclo de conferências intitulava-se *Les femmes dans le monde lusophone* e o segundo *Discours littéraires sur le féminin en portugais*.<sup>2</sup> No primeiro consideravam-se exemplos de mulheres como sujeitos históricos e como agentes, nos diferentes contextos temporais e geográficos, em relações de força diversas (dominantes ou dominadas), segundo as suas capacidades de ação e os papéis que lhes couberam, tanto em Portugal como no Brasil, ou no império colonial e na emigração. Foram apresentadas mulheres da corte portuguesa do século XV ou uma rainha africana (Njinga Mbandi), escravas, trabalhadoras domésticas, a primeira deputada da Assembleia Nacional Constituinte do Brasil, freiras e guerrilheiras, entre outras. O segundo ciclo centrou-se nas vozes literárias e

---

<sup>2</sup> <https://www.unige.ch/lettres/roman/unites/portugais/actualites/archives/conferences-cours-publics-semester-dautomne-2019/>

<https://www.unige.ch/lettres/roman/unites/portugais/actualites/archives/conferences-cours-publics-semester-de-printemps-2020/>

artísticas femininas.<sup>3</sup> Também no campo das letras a desigualdade continua a imperar, sendo a visibilidade das autoras muito menor que a dos seus congêneres masculinos. A título de exemplo, podemos referir que na obra *O Cânone Ocidental* (1994) Bloom apenas considera duas autoras. Nesse ciclo foram discutidas as obras de escritoras que se tornaram canônicas, como Clarice Lispector, Agustina Bessa-Luís ou Lídia Jorge e escritoras que desafiaram o cânone, como Carolina Maria de Jesus, Patrícia Galvão (Pagu) ou Adília Lopes.

<sup>3</sup> Foi ainda realizada uma conferência sobre as duas pintoras que ilustravam os materiais de divulgação, Aurélia de Sousa e Helena Almeida: <https://www.unige.ch/lettres/roman/unites/portugais/actualites/archives/magnetismes/>

O presente dossiê retoma alguns dos textos dessas conferências, mantendo a dupla inscrição em história e em literatura. “‘Insinância das Damas’: Educação e literacia femininas na corte portuguesa de Quatrocentos”, de Maria Barreto Dávila e “Do medo da individualidade à exaltação de competências: as freiras de Santa Mónica de Goa no século XVII”, de Ana Teresa Hilário tratam dois temas importantes e relativamente recentes na história das mulheres: uma nova apreciação e análise do que realmente era a vida em clausura e a importância das mulheres da alta nobreza como agentes culturais da corte, através da compra, tradução e difusão de obras literárias. São artigos que exemplificam como dentro das circunstâncias históricas que lhes foi dado viver, as mulheres souberam impor a sua vontade e construir as suas vivências face às autoridades masculinas e aos pressupostos normativos das sociedades de então. Os artigos “*Asas de fumo, Asas de poesia: para uma leitura da imagem em Maria Teresa Horta*”, de Daniel Santos Tavares e “De alguns galináceos na obra de Clarice Lispector”, de Michel Riaudel, analisam a obra de duas escritoras consagradas: Clarice Lispector, brasileira, e Maria Teresa Horta, portuguesa, uma das três Marias anteriormente referidas, e durante bastante tempo pouco estudada, apesar da inegável qualidade literária da sua obra. Já Raffaella Fernandez em “Comunhão decolonial no *slam* de mulheres latino-americanas” apresenta-nos um estudo sobre a literatura insurgente, de meios periféricos, assumidamente feminista e decolonial.

Maria Barreto Dávila é investigadora do CHAM – Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa, com o projeto de pós-doutoramento intitulado *Género, espaço e poder: representações da autoridade feminina na corte portuguesa (1438-1521)*. No seu artigo “‘Insinância das Damas’: Educação e literacia femininas na corte portuguesa de Quatrocentos” mostra como as rainhas e princesas da corte portuguesa entre o século XV e XVI foram agentes ativas no âmbito das estratégias de comunicação literária da corte, granjeando prestígio e poder para si e para as

suas casas e influenciando a educação de outras mulheres e mesmo de homens. Com efeito é citada a obra da infanta D. Filipa com conselhos políticos dedicados ao rei D. João II, seu sobrinho. A obra que dá o título ao artigo, *Livre des Trois Vertus ou Trésor de la Cité des Dames*, traduzido como *A Insinança das Damas*, da autoria de Christine de Pizan, autora que é considerada a primeira mulher de letras de língua francesa, aconselhava a educação das mulheres nobres para se prepararem para o governo dos seus domínios quando necessário. Conselho amplamente posto em prática na corte portuguesa, segundo o retrato que nos pinta Maria Barreto Dávila. O dinamismo cultural era intenso por parte das mulheres da corte portuguesa dessa época, que liam, traduziam obras para português, escreviam e promoviam o mecenato cultural com a cópia e depois edição de obras, nomeadamente a citada de Pizan, traduzida por D. Isabel de Coimbra c. 1446-1455 e posteriormente impressa sob o patrocínio da rainha D. Leonor no século XVI. Este artigo vem completar a informação sobre o papel de mecenato na cópia e publicação de obras literárias na corte portuguesa de quatrocentos. O artigo é seguido de um quadro com a listagem dos livros descritos no inventário *post mortem* da infanta D. Beatriz, com a indicação da descrição, material, destino final e possível identificação.

Ana Teresa Hilário é bolsista na mesma instituição, onde se encontra a desenvolver o projeto de doutoramento sobre o convento de Santa Mónica em Goa, intitulado *Rebanho de cãndidas cordeiras? Género, regulação e resiliência no Convento de Santa Mónica de Goa (1606-1734)*. Neste artigo começa por uma breve introdução sobre a nova perspetiva de encarar os espaços conventuais, não só como lugar de clausura e por isso de repressão feminina, mas também como um espaço de acesso à cultura e a uma maior liberdade do que a que era permitida a muitas dessas mulheres nas casas paternas ou no seio do matrimónio, e sobre os métodos adotados para obter essa nova perspetiva (estudando os documentos disponíveis sob uma nova perspetiva com outras perguntas e valorizando o subtexto). De seguida passa a confrontar os pressupostos normativos desse espaço, ditados por homens, com a realidade vivenciada pelas mulheres que muitas vezes contrariavam os desejos masculinos, seja de familiares seja das autoridades eclesiásticas e das suas orientações (ou da sua desobediência à ordem, que a superiora do convento tentava contrariar). A sua descrição desse microcosmo feminino assenta sobretudo na diversidade social das mulheres que o compunham, tanto quanto à origem social, como geográfica-racial, quanto ao seu estatuto no interior do convento (alunas, freiras tendo tomado os votos, mulheres ali recolhidas sem que fizessem parte da ordem, criadas, etc.)

e nas diferentes atividades em que ocupavam o seu tempo: a aprendizagem da leitura e da escrita, a música, a escrita, demonstrando que o convento funcionava como um catalisador da educação das mulheres e que lhes permitia uma maior liberdade das mentes, apesar da reclusão dos corpos. Contrariamente ao império espanhol, o português criou poucos conventos no espaço imperial e o de Santa Mónica em Goa foi o primeiro. É, pois, também um elemento interessante para o estudo da história das mulheres no império português.

Daniel Santos Tavares, professor auxiliar na Universidade do Minho, no seu artigo “*Asas de fumo, Asas de poesia: para uma leitura da imagem em Maria Teresa Horta*”, analisa as obras *Anunciações. Um romance* e *Estranhezas*, escolhendo como ponto de entrada para a compreensão das mesmas e da obra da autora em geral, um elemento particular, a imagem da asa. Com efeito, muitos seres alados percorrem a obra poética de Maria Teresa Horta. Partindo da teoria da imagem de Georges Didi-Huberman que se baseia na falena e no bater de asas da mesma como metáfora da relação entre imagem e real, vê a imagem literária como uma aparição, surgida no espaço *entre* dos batimentos da asa, do virar da folha ou do espaço mental *entre* na criação literária. Também o anjo (Gabriel, em *Anunciações*) se movimenta no espaço entre o céu e a terra acabando por se aproximar mais da condição terrena, avançando na desmesura – *hybris* – das paixões. Continuando a análise nesse sentido, Daniel Tavares apresenta a asa como o movimento para fora, e a representação poética do amor e da relação na obra de Horta como a exteriorização e o descentramento, na poesia e no amor (corpo físico do eu poético e corpo da obra fazendo um só em muitos poemas), no fundo como o ultrapassar dos limites. Recorre ainda a uma citação de Eduardo Prado Coelho para lembrar que o corpo excitado é o corpo descentrado, em movimento para fora de si. Trata-se de uma abordagem original da essência poética das obras em questão, deixando de parte a leitura sociocultural de género mais evidente.

Michel Riaudel, professor catedrático de literatura brasileira na Sorbonne Université, analisa no seu artigo o conto “Uma galinha” da coletânea *Laços de Família* (1960) e a crónica “Uma história de tanto amor” de 1968. Ambos os textos se centram no interesse de duas meninas por galinhas. O autor refere que o interesse de crianças por aves é um tema recorrente na obra de Clarice Lispector, mas o interesse de meninas por galinhas, associadas à maternidade, ao ciclo da vida e da morte, às mudanças de estado ao longo da sua curta vida, permitem à autora desenvolver uma reflexão sobre questões que vão para além da mais evidente de género,

das diferenças entre galo e galinha/homem e mulher e das possibilidades da maternidade. O ovo, elemento central do conto “A galinha”, permite entrar nos domínios da forma perfeita, dos binómios interioridade e exterioridade, identidade e alteridade. Num desenvolvimento mais inesperado, o autor demonstra na sua análise que a dimensão sacrificial da galinha pode ligar-se à antropofagia, como essência da cultura brasileira (o sacrifício da galinha, no conto, é associado ao almoço de domingo e assim à eucaristia cristã, e na crónica é colocada em evidência a coincidência entre o rito ameríndio e o cristão). Recorrendo a citações do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, demonstra a dimensão de pensadora da cultura identitária brasileira de Clarice Lispector e, sobretudo, a sua análise evidencia a forma como a autora absorve formas e géneros, se liberta de convenções, transgride normas e transforma tudo numa forma literária pessoalíssima.

O último texto do dossiê é um artigo de Raffaella Fernandez, com um doutoramento em Teoria e História Literária e com um projeto de pós-doutoramento em curso, intitulado “Palavração, a partilha entra a letra e a voz no *slam* de mulheres latino-americanas” desenvolvido no seio da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O *slam* consiste numa competição de poesia falada, criada nos Estados Unidos da América, em meios marginalizados e introduzida no Brasil em 2008. *Slam*, significa *batida*, e nessas competições apresentam-se poesias autorais com uma duração até três minutos, sem acompanhamento musical nem utilização de instrumentos cénicos, pelo que o corpo e a voz adquirem uma grande importância. A presença de mulheres no *slam* brasileiro surgiu em 2012 e insere-se num movimento de estética decolonial dos feminismos insurgentes na América Latina. A autora mostra como as redes sociais são utilizadas para ocupar um espaço público com a voz da mulher, em particular das habitualmente excluídas, caracterizando essas agentes do *slam* como mulheres periféricas, negras, não-brancas, indígenas, lésbicas, não-binárias ou transexuais. As redes sociais tornaram-se para essas mulheres um espaço interrelacional em que inscrevem voz e corpo, ao mesmo tempo que colocam em evidência o passado colonial, o modo como este ainda se inscreve no presente e os sonhos para um futuro que idealizam mais justo. Insiste-se assim no diálogo intercultural das mulheres dos diferentes países da América Latina, dando exemplos de como elementos culturais de uns são usados nas composições de mulheres originárias de outros, numa perspetiva decolonial em que o que importa é o passado colonial comum às diferentes sociedades e a revalorização do corpo da mulher indo-americana, valorizando as culturas ancestrais. Raffaella Fernandez enfatiza o facto de

se tratar de uma arte ao serviço do combate, tanto do mais básico contra o feminicídio e o estupro, como contra os discursos elitistas que excluem certas formas de literatura não canónicas. Assim escolhe como termos para caracterizar essa forma de *slam palavração* e *ativismo*, insistindo no carácter indissociável de uma certa ideia de literatura, da palavra e da política, numa perspetiva de género.

Com este artigo voltamos à importância da palavra, do poder da literatura e da conquista da presença da palavra das mulheres no espaço público, numa perspetiva indubitavelmente do século XXI, pelo recurso às redes sociais e ao carácter marcadamente decolonial, mas que dá seguimento, na nossa perspetiva, à luta iniciada por outras formas de feminismo de mulheres brancas e burguesas, cuja luta abriu caminho a estas mulheres periféricas, não brancas e com orientações sexuais divergentes do binarismo predominante.

---

## Bibliografia

Scott, J. W. (1990). *Gender: a useful category of historical analyses: Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press.

Beard, M. (2017). *Women & Power: A manifesto*. Mary Beard Publications Ltd.

Barreno, M. I., Horta, M. T., Costa, M. V. (1998). *Novas Cartas Portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote.

<http://www.novascartasnovas.com/>,  
acedida a 09.12.2021.